

Os desafios e as perspectivas na formação de professores de História no extremo Oeste do Paraná para o Século XXI

*Blasius Silvano Debald*¹

RESUMO: O debate sobre os desafios e as perspectivas na formação de professores de História no extremo oeste do Paraná para o século XXI apresenta o contexto das licenciaturas, o perfil dos que optam por carreiras na área da educação e a realidade do cotidiano escolar. Fez-se um estudo de caso, analisando o poder aquisitivo dos alunos que freqüentam os cursos de licenciatura, associando ao valor das mensalidades nas Instituições de Ensino Superior particulares, nas quais se concentram o maior número de vagas/matrículas. Os principais resultados da pesquisa apontam que os jovens que optam por cursos na área da educação não o fazem pensando na carreira, pois não consideram a remuneração, os problemas da realidade escolar e o trabalho com atividades fora do horário de trabalho – planejamento, correções e avaliações. Conforme os entrevistados, o aspecto positivo das carreiras na área da educação é a estabilidade que pode ser um problema, pois contribui para o comodismo – um profissional que não está preocupado com o processo ensino e aprendizagem, mas com o cumprimento das tarefas burocráticas e o recebimento de seu salário. Em relação às perspectivas na formação de professores é preciso aproximar mais o aluno da realidade escolar, vivenciar a prática docente e refletir sobre as inovações didático-metodológicas que envolvem o ato pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE:

professores – História – formação – carreira – educação.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS e Professor dos Cursos de História e Pedagogia da Faculdade União das Américas – UNIAMÉRICA.

INTRODUÇÃO

A formação de professores tornou-se um desafio constante para as universidades e faculdades, pois os cursos de licenciatura são cada vez menos procurados e o número de diplomados reduz anualmente. Para algumas áreas de conhecimento faltam candidatos interessados, pois a carreira de professor não serve como motivação na escolha do curso superior. Deste modo é preciso pensar a formação de professores como um dos desafios do século XXI, uma vez que para certas áreas do conhecimento não há profissional formado com curso superior, prejudicando a formação do estudante que já é precária em boa parte das escolas brasileiras.

Entende-se que alguns fatores contribuem para o quadro de abandono da carreira docente, entre os quais se cita a baixa remuneração, os atrativos da profissão e a capacidade de adaptação ao contexto sócio-econômico, uma vez que a maioria das escolas está localizada em regiões de conflito, nas quais há índices elevados de violência.

Outro fator a ser considerado é a quantidade de cursos de formação de professores na região oeste do Paraná, próxima a fronteira com a Argentina e o Paraguai. E a maioria ainda é em Instituições de Ensino particulares e são opções de cursos superiores para a população mais desprovida de recursos, uma vez que são mais baratos. Nestes casos, a opção do curso superior não está associada à escolha de uma carreira, mas conforme o alcance do orçamento.

É, portanto, oportuno propor uma reflexão sobre os desafios e as perspectivas na formação de professores de História na fronteira para o século XXI, uma vez que há novos espaços para atuação e áreas em que pode trazer contribuições significativas para o desenvolvimento regional e local.

1. SER PROFESSOR DE HISTÓRIA: DA VOCAÇÃO À PROFISSÃO

Até as últimas décadas do século XX, o discurso predominante no campo da educação era que a carreira de professor era uma vocação. Portanto, passou-se a enxergar o professor como alguém que fez opção pelo “espírito franciscano”, ou seja, trabalha muito e ganha um salário mingado, o suficiente para sobreviver. Esta visão está presente nas turmas que frequentam cursos de licenciatura, pois quando se começa a refletir sobre a carreira muitos percebem que sua escolha foi acidental.

Assim, muitos alunos de História percebem o que é ser um professor quando se aproximam do estágio e se vêem em volta a planejamentos, atividades e burocracias da profissão. Além disso, começa a perceber que o professor antes criticado nos estágios de observação e considerado inadequado é um espelho do que pretende aplicar no seu estágio de prática de ensino. Esta é uma decorrência da falta de clareza na escolha do curso, próprio da idade da adolescência contemporânea.

Outro fator que tem contribuído para compreender a profissão de professor está associado ao que se ensina. Como muitos conteúdos que são ensinados não tem ligação com o contexto social da criança, a profissão de professor passa a ser visto com certa desconfiança, pois se perde tempo com conhecimentos desnecessários. Então é uma carreira que não está conectada com o mundo do adolescente. Para Hengemühle (2007, p. 23)

O que se aprende na escola precisa ser útil. As metodologias que orientam essa prática precisam provocar o desejo de aprender nos alunos, apresentar conhecimentos históricos como luzes para a compreensão da realidade e possibilitar aos

alunos utilizar-se desses conhecimentos para bem viver e, inclusive, terem capacidade de produzir novos conhecimentos.

Neste sentido, cabe questionar: será que os cursos de História preparam os futuros professores para produzir novos conhecimentos ou apenas reproduzir os existentes? E na resposta desta indagação está o cerne do dilema entre ser professor de *vocação* ou de *profissão*. Entende-se que um professor de *vocação* preocupa-se essencialmente com a reprodução de conhecimentos e no cumprimento das questões burocráticas, enquanto o professor de *profissão* é um estudioso de sua trajetória profissional e procura compreender o processo ensino e aprendizagem como algo dinâmico e construído ao longo de sua carreira.

Assim, a formação de um professor de História tem certo grau de complexidade, pois além de instrumentalizá-lo para o exercício da profissão é preciso provê-lo de uma bagagem teórica para que tenha condições de refletir sobre sua prática pedagógica. Segundo Fonseca (2003, p. 60)

Tornou-se lugar-comum afirmar que a formação do professor de História se processa ao longo de toda sua pessoal e profissional, nos diversos tempos e espaços socioeducativos. Entretanto, é, sobretudo, na formação inicial, nos cursos superiores de graduação, que os saberes históricos e pedagógicos são mobilizados, problematizados, sistematizados e incorporados à experiência de construção do saber docente. Trata-se de um importante momento de construção da identidade pessoal e profissional do professor, espaço de construção de maneiras de ser e estar na futura profissão.

Deste modo, o exercício da profissão de professor de História requer muito mais do que um simples domínio de conteúdos. Conforme Demo (2002, p. 75) “Professor é, sobretudo, quem aprende melhor, sabe aprender mais que outros, faz disso sua razão maior de ser. Aula qualquer um dá, sobretudo quem não aprende.” Portanto, ser

professor de História não é pegar um livro, ler o capítulo da aula, reproduzir o fato histórico e passar um questionário. Ser professor de História é ensinar o contexto em que o fato ocorre, analisar a ação dos sujeitos envolvidos, interpretar as fontes produzidas sobre o acontecimento e construir novos conhecimentos. É desta forma que a História terá significado para a criança e será estudada de forma prazerosa.

2. ENSINAR HISTÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE

Os professores de História que atuam na região do extremo oeste do Paraná, em sua maioria, possuem mais de quinze anos de exercício profissional. Isso equivale afirmar que sua formação ocorreu durante a segunda metade da década de 80 do século XX, período em que a universidade estava em transição – da ditadura para a democracia. Portanto, a formação destes professores foi marcada pela reprodução da História e assim ocorre em suas práticas pedagógicas.

Assim, propor mudanças nas práticas destes professores é quase uma perda de tempo, pois normalmente estes profissionais da educação se consideram “experientes” pelos anos de trabalho. São resistentes às inovações e fazem de tudo – de forma consciente ou inconsciente – para afastar o aluno de suas aulas de História. O aluno percebe esta realidade e conclui que a História é uma disciplina que cuida dos mortos, estuda o passado, fica distante de seu contexto e, portanto, desnecessária.

Neste sentido, o ensino de História deve tomar outro direcionamento, pois na contemporaneidade não é possível pensar uma sala de aula com o mesmo formato e método de meio século atrás. Faz-se necessário repensar o currículo que é ensinado, as metodologias de ensino e os procedimentos avaliativos. Uma das

possibilidades é pensar numa nova tendência pedagógica e de abordagem histórica, tornando o aluno o centro do processo ensino e aprendizagem. Desta forma, o aluno valorizará o que estará aprendendo e saberá atribuir significado para as aprendizagens construídas. É interessante conhecer as novas tendências pedagógicas para o ensino de História para aproximar o conhecimento histórico do cotidiano do aluno. Conforme Antunes (2003, p. 17)

a perspectiva construtivista sugere que o aluno é sempre o centro da produção da aprendizagem, que é construída por sua ação e por suas interações com o ambiente. (...) é o aluno o agente essencial construtor de crescimento e de saber.

Talvez a tarefa de ensinar História na contemporaneidade não seja tão simples como muitos professores acreditam. Perpassa por escolhas que nem sempre consideram o essencial: o aluno. Assim, pensar na estruturação de uma proposta curricular é pensar numa organização que se insere no projeto da escola e seja aplicável pelos professores que ministram a disciplina. Segundo Horn e Germinari (2009, p. 67)

O currículo pode ser organizado de forma temática ou não temática, isto é, por conteúdos. Em princípio isto não tem grande importância. A questão não é ser ou não ser temático, mas se há ou não uma estrutura lógica como referência de organização da escola. Ou seja, há um saber escolar que se manifesta através do currículo, que garante, em última instância, à escola no desempenho de sua principal função: viabilizar as condições de transmissão e assimilação dos conhecimentos.

Mesmo com todos os esforços no que se refere à reestruturação do currículo, nas alterações em relação à metodologia e os procedimentos avaliativos, ainda não é uma garantia de que as

mudanças modificarão o ensino de História na sala de aula. É preciso investir na formação e qualificação dos professores, os atores principais para colocar as mudanças em curso. É preciso sensibilizar o professor de que depende de seu posicionamento, de sua ação pedagógica a alteração na forma como a História é ensinada. Para Tardif (2010, p. 230)

Um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta.

Deste modo os cursos de História precisam ter claro em suas propostas pedagógicas o perfil de professor que querem formar para atender as particularidades do ensino contemporâneo. Para tanto, faz-se necessário introduzir na sala de aula as novas tecnologias, pois o adolescente vive conectado e o uso do conteúdo virtual é uma possibilidade para aproximar a História do seu cotidiano. Contudo, alguns cuidados são necessários, pois na hora de planejar o professor escreve algo que nem sempre aplica em sua prática pedagógica. E isso ocorre até com o estagiário, quando faz o planejamento de suas aulas. O plano é perfeito no papel, mas nem tudo é aplicado conforme foi planejado. Neste sentido Rocha (2002, p. 63) afirma que é importante

Verificar as influências do currículo escrito sobre o currículo praticado pelo professor só é possível se entrarmos nas “caixas-pretas”, as salas de aula, ou se realizarmos medições ao final do processo. As concepções de História e de ensino, pelas aberturas que deixavam ao professor em relação aos diferentes conteúdos possíveis de serem trabalhados, dificultavam, entretanto, a realização de medições.

Não se defende a interferência no trabalho do professor, mas um acompanhamento para verificar se há coerência entre o planejamento e a aplicabilidade de sua proposta de ensino. Tal procedimento oportuniza avaliar o processo ensino e aprendizagem para adequar o planejamento à realidade escolar. E isso só é possível se o professor estiver aberto às mudanças e de fato ser um *professor de profissão*.

3. PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NO SÉCULO XXI

O desenvolvimento das pesquisas sobre a formação dos professores tem contribuído para melhorar a qualidade do ensino. Prova disso são os programas federais no campo da educação que de forma tardia perceberam que a qualidade da educação passa pela qualidade dos professores. No campo da História não é diferente. Professores bem formados, que fizeram da História uma opção de carreira, serão profissionais que farão a diferença no campo da educação. E, para estes, a História é prazerosa, tem significado e está associada ao tempo presente. O sujeito da História não é o herói, mas o pobre, o negro, a mulher, o índio... Deste modo o aluno terá a percepção de que ele também faz História.

Em relação aos cursos de formação de professores de História da região do extremo oeste do Paraná, pode-se afirmar que são de boa qualidade e seu corpo docente bem capacitado. Contudo, o aluno que opta pelo curso de História o faz, em percentual expressivo, não para ser professor, mas para fazer um curso superior. Fazendo um breve levantamento dos últimos anos com os alunos concluintes, percebeu-se que 38% fazem História para ter um curso superior; 23%

escolhem o curso por ser mais barato (quando a Instituição não é pública) e 39% optam o curso de História como uma carreira.

O preocupante é que a maioria (61%) não analisa o campo de trabalho e o contexto da profissão. Assim, ao se depararem com os problemas da profissão, parte destes profissionais desiste de sua escolha inicial e procuram atuar em outro ramo. Nos últimos cinco anos, de todos os professores de História formados na região do extremo oeste do Paraná, em Instituições de Ensino Privadas, 27% não exercem a profissão. Os motivos pelo não exercício são vários, dentre os quais os mais citados são a baixa remuneração e a violência escolar.

Diante desta realidade vislumbra-se em relação ao ensino de História para as próximas décadas uma reorientação no seu foco, principalmente nos cursos de formação. É importante formar teoricamente o futuro professor, mais que isso, é preciso instrumentalizá-lo para que consiga ensinar a História de forma prazerosa e com vinculação com o presente. A História dos vivos é tão importante quanto a dos mortos. É preciso interpretar as fontes históricas, atribuir significados e construir novos conhecimentos. Neste sentido, Tardif e Lessard (2009b, p. 258) advertem:

Para certos atores escolares, nada mais é como antes: a escola e o esforço para aprender não fazem muito sentido para certos jovens; embora eles sejam rebeldes ativos ou passivos silenciosos, *drops-out* ou *drops-in*, um grande número de jovens vivem a escola como uma passagem obrigatória, uma imposição do meio familiar e da sociedade, e não como uma experiência significativa da qual eles poderiam tirar um proveito pessoal.

Deste modo é preciso repensar o papel da escola e do que é ensinado. Além disso, verificar o perfil do aluno e de que forma a área

do conhecimento poderá agregar na sua formação. A escola atual se preocupa em demasia com a reprodução de conhecimentos e esquece que seu papel é produzir novos conhecimentos. Agora, para produzir novos conhecimentos o professor precisa preparar-se para tal tarefa, pois se só sabe reproduzir conhecimentos como conseguirá produzir?

Ainda persiste um modelo autoritário de ação docente, baseado no controle disciplinar bastante sistemático exercido pelo mestre sobre os alunos. Segundo Tardif e Lessard (2009a, p. 63) o professor no modelo tradicional é

O centro da atividade na classe. Ele é o sol do sistema pedagógico: as ações dos alunos giram em torno dele, que impõe o ritmo dos exercícios, das repetições, das tarefas, dos movimentos, etc. Em resumo, é o mestre que assume o programa principal ou dominante da ação na classe. Assim sendo, a ordem das interações depende fundamentalmente de sua própria iniciativa e de sua capacidade de impor respeito às regras da organização que o contrata.

Portanto, quem está acostumado a trabalhar no modelo em que o professor centro do processo ensino e aprendizagem precisa de um tempo para se adaptar a outra forma de exercer sua ação pedagógica. Neste sentido, é importante investir em formação continuada e formar os novos professores de História numa perspectiva contrária a apresentada no parágrafo anterior. Deste modo, a formação de profissionais com olhares diferentes sobre o ensino de História oportunizará a construção do conhecimento mediado pelo professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões sobre os desafios e as perspectivas na formação de professores de História na fronteira para o século XXI, exigem uma nova postura por parte dos professores que atuam nos cursos e

mudanças nas propostas pedagógicas. É um tanto tardia a mudança, pois o reprodutivismo já está superado há muito tempo, apesar da insistência da maioria dos professores neste modelo ultrapassado. Está na hora de pensar num currículo mais contemporâneo de formação dos novos professores, preparando-os para enfrentar os problemas cotidianos.

O ponto de partida poderá ser olhar com maior cuidado para as tecnologias e a forma como podem ser utilizadas no processo ensino e aprendizagem. É comum verificar o adolescente com pelo menos uma tecnologia ou conexão em rede. Então, a escola não poderá ignorar tal realidade. Deve propor a inclusão destas tecnologias, sendo úteis para construir aprendizagens.

Um segundo ponto é analisar o currículo e excluir tudo o que é reprodução. Introduzir temáticas nas quais o aluno poderá interagir, resignificar e ser o agente da produção do conhecimento. Não há mais espaço na sala de aula de História para estudar o fato ou acontecimento fora de um contexto e a partir de uma fonte de consulta. O aluno deve construir possibilidades de interpretação e de relação do tema em estudo com sua realidade.

Outro aspecto que não pode ser esquecido é a pesquisa orientada e científica. Ensinar o aluno a pesquisar de forma correta, superando a cópia sem sentido. Propor pesquisas que interessam ao aluno e nas quais aprenderá algo de novo. Tirar conclusões e orientar a pesquisar em mais de uma fonte histórica.

Para melhorar o ensino de História, além de rever o currículo, utilizar as novas tecnologias e investir no espírito investigativo é preciso também um olhar detalhado sobre o processo de formação inicial e continuada do professor. Inicial, para que seja preparado neste novo modelo de ensinar História e continuada, para

que busque permanentemente atualizar-se, acompanhando as discussões na área do ensino.

Enfim, o início da segunda década do século XXI permite vislumbrar que ao final desta o ensino de História na região do extremo oeste do Paraná terá melhorado consideravelmente, pois com o trabalho dos novos professores e com aqueles que acreditam no poder transformador da História, será possível construir uma sociedade mais crítica e politizada. E os cursos de formação de professores, os professores das redes de ensino e as escolas terão um papel importante de contribuição, uma vez que serão os responsáveis para formação dos novos professores e de ensinar uma História mais viva e presente, atribuindo significado às ações dos sujeitos que a constroem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **A sala de aula de Geografia e História: inteligências múltiplas, aprendizagem significativa e competências no dia-a-dia**. 2. ed. Campinas-SP: Papirus, 2003.

DEMO, P. Professor e seu direito de estudar. *In*: SHIGUNOV NETO, A.; MACIEL, L. S. B. (Orgs.). **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas-SP: Papirus, 2002.

FONSECA, S. G. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas-SP: Papirus, 2003.

HENGEMÜHLE, A. **Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

HORN, G. B.; GERMINARI, G. D. **O ensino de História e seu currículo: teoria e método**. 2. ed. Petrópolis-RL: Vozes, 2009.

ROCHA, U. **História, currículo e cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Tradução de Francisco Pereira. 11. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Tradução de João Batista Kreuch. 5. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009a.

TARDIF, M.; LESSARD, C. (Orgs.). **O ofício de Professor:** história, perspectivas e desafios internacionais. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009b.